



HEMEROTECA
MUNICIPAL
DE LISBOA

O AZEITONENSE: órgão independente defensor dos interesses de Azeitão e arredores¹, existente na Hemeroteca Municipal do n.º 1 (3 de Agosto de 1919) ao n.º 51 (25 de Julho de 1920), dirigido por Gastão Faria de Bettencourt (1894-1962), administrado por Manuel Faria de Bettencourt e editado por Frederico [Simões Marques] Valido (1899-?) e depois por Vicente Faria de Bettencourt. O secretário da redação foi F. Miranda Barbosa. A propriedade pertencia à Empresa Azeitonense, de Vila Nogueira de Azeitão. A redação e a administração funcionavam na Rua da Procissão, 45 – 1.º dto., em Lisboa, e imprimia-se na Tipografia Henrique Torres (Rua de S. Bento, 259, em Lisboa) e a partir do número de 21 de Março de 1920 na Tipografia Galhardo & Gomes, Lda. (Largo do Carmo, 21, em Lisboa). Publicava-se, semanalmente, aos domingos. Os textos de prosa e poesia são diversificados, tanto são escritos para a circunstância editorial, como transcritos, alguns a título póstumo, através de um conjunto vasto de nomes. Na prosa, contam-se, designadamente, A. Gomes dos Santos, A. Vítor Machado, Adolfo Portela (1866-1923), António Cândido (1852-1922), António da Fonseca Soares, António Vítor Condeça, Armando Soeiro, Branca Dias Costa, Estefânia Costa, F. Miranda de Barbosa, Frazão de Vasconcelos, H. Caetano de Sousa, João Rosa, Joaquim [Pedro d'Assunção] Rasteiro (1834-?), José F. Vidal, Latino Coelho (1825-1891), M[anuel Augusto] Cardoso Marta [1882-1958], M. Teixeira Gomes (1860-1941), Mário Folque, Ramalho Ortigão (1836-1915), Sena Cardoso, Tarquínio de Bettencourt, Teixeira de Queiroz, Zuzarte de Mendonça. Na poesia, contam-se, designadamente, as assinaturas de Afonso Lopes Vieira (1878-1946), Aldalberto Marroquim, Ângelo César Machado [1900-1972], Antero de Quental (1842-1891), António Botto (1897-1959), António Correia d'Oliveira (1879-1960), Augusto Gil (1873-1829), Augusto Pinto, [Manuel Maria Barbosa du] Bocage (1765-1805), Calixto Grilo, Cesário Verde (1855-1886), Eugénio de Castro (1869-1944), Fernando Caldeira, Gomes Leal (1848-1921), Guerra Junqueiro (1850-1923), Guy M. Rato, Henrique Bettencourt, Ignotus, pseud. [José Nunes da Mata (1849-1945)], Jaime Neves, Luís Guimarães, Luís Trigueiros, Maria Bastos, Maria Cândida Parreira (1877-1942), Maria de Carvalho, Mário de Artagão, pseud. [António da Costa Correia Leite], Mário Pacheco, Miguel Fernandes Caleira, Nunes Claro (1878-1949), Padre Inácio Monteiro (1724-1812), Plácida Osório (1881-1946), Tito de Bettencourt, Vicente Arnoso (1881-1925), Victor Cal.

CONTEXTO HISTÓRICO

Portugal saíra de força aliada no conflito mundial, e os periódicos expressavam o ambiente tumultuoso do pós-guerra. A economia nacional fora afetada e o movimento operário sindicalista crescia. Havia propostas federalistas,

¹ Disponível na Hemeroteca Digital, em:

<http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/periodicos/OAzeitonense/OAzeitonense.htm>

regionalistas e municipais, designadamente, nos congressos realizados entre 1920 e 1922, e a própria feição regionalista era comum na imprensa portuguesa.

A ideia de criar esforços locais de forma a valorizar as localidades é uma tônica constante neste periódico, no que à vila de Azeitão dizia respeito, precursora da iniciativa de âmbito nacional que, em 1921, levaria à criação de uma rede de organizações turísticas locais, as Comissões de Iniciativa e Turismo. Cada uma dessas Comissões seria instalada em locais classificados como estâncias turísticas, tendo como objetivo promover o desenvolvimento destas, de forma a proporcionar aos seus frequentadores um meio confortável, higiénico e agradável, quer executando obras de interesse geral, quer realizando iniciativas tendentes a aumentar a sua frequência e a fomentar a indústria de turismo (Lei nº 1152, de 23 de Abril de 1921, Artº. 1º).

O bairrismo azeitonense talvez se confrontasse com o poder hegemónico do concelho a que pertencia (Setúbal). Daí a necessidade de uma afirmação através de um órgão de imprensa. A entidade “concelho” subsistira, no quadro da afirmação do estado territorial do Liberalismo oitocentista. Nogueira de Azeitão fora concelho desde 1786 mas, por determinação da Reforma Administrativa de 1855, o concelho, integrando as povoações de São Lourenço e de São Simão, foi extinto, sendo então incorporado no de Setúbal.

Mas a freguesia apresentava uma dinâmica económica relevante. As empresas locais eram, também, o suporte da vida quotidiana azeitonense. Designadamente, a empresa José Maria da Fonseca exercia a atividade vinícola desde 1834 e determinante como empregadora para a região, através da produção vasta de vinho de mesa e de Moscatel de Setúbal.

NATUREZA, PROGRAMA E PÚBLICO

No dia 3 de Agosto de 1919, saiu o primeiro número a 4 centavos (40 réis), tendo como missão defender os interesses de Azeitão e arredores. Publicava-se aos domingos, e no cabeçalho era o leitor advertido de que não se aceitavam “comunicações anónimas”.

Com o título “O nosso intuito”, a redação apresenta o novo periódico como “completamente alheio à política”, mas a dizer tudo o que interessa ao desenvolvimento da vila. E faz-se o apelo a “todos aqueles que nos venham auxiliar os protestos da nossa maior gratidão”. Na coluna do lado, o editor Frederico Valido refere-se ao “amor à terra” que o moveu para este projeto jornalístico.

No número seguinte, expressa-se o regozijo pelo acolhimento do público ao primeiro número, referindo-se que a Imprensa era “a pedra de toque da civilização de um povo, mas [seria] necessário que ela se integr[asse] no seu verdadeiro papel de educadora desse mesmo povo”.

Esteve sempre subjacente a ideia de que os seus responsáveis almejavam defender e noticiar as “grandes obras” necessárias, os “importantes melhoramentos” para Azeitão. – “Para isso é que o ‘Azeitonense’ foi criado”, referem, sendo particularmente destinado aos azeitonenses. Um ano após o início e em jeito de despedida, lamentam “toda a serie de dificuldades; más vontades, indiferença, falta de auxilio monetário e – triste verdade! – até de colaboração de pessoas que muito poderiam ter feito... se tivessem querido!... foi um anno de trabalhos forçados, em que estivemos agrilhoados á nossa vontade indomável” (25 de Julho de 1920). A principal dificuldade passava pelo aumento do papel, o que levou à “suspensão” (definitiva) do periódico. Neste último número, ainda se diz que ficasse na memória a sua passagem efémera e a causa principal: o caminho-de-ferro, “o nosso grande sonho – que se não está realizado é simplesmente devido á incúria dos próprios filhos de Azeitão ou dos que n’ella mais interesses teem – venha ainda a ser um facto.”

O seu diretor foi a força motriz deste periódico, numa época em que já colaborara com diferentes jornais. Participou no jornalismo académico, integrou a redação do *Diário de Notícias*, foi diretor de periódicos dedicados à Música e colaborou nalgumas revistas de França, Itália e Brasil. Seria, ainda, redator da Sociedade de Propaganda Nacional, durante o Estado Novo.

CONTEÚDOS

Ao longo da publicação, revelam-se o quotidiano azeitonense e a dinâmica da vila, mas não se alheia de alguns factos nacionais. As notícias alargam-se à vida de figuras públicas e no noticiário regional destacam-se as sugestões para melhoramentos e as secções de literatura e teatro. Há folhetins, poesia, anúncios comerciais e, pontualmente, pequenas ilustrações.

Tanto se noticia a festa de homenagem aos Soldados de Azeitão regressados da Grande Guerra, como o futuro de Portugal assente na exploração da terra, já que se esperava o regresso aos campos após a Grande Guerra e a que se associou o sindicalismo agrícola para a rendibilização da lavoura, especialmente dos pequenos proprietários. A queda da produção teve um período subsequente, durante o sidonismo (Dezembro de 1917 a Dezembro de 1918), que ainda permitiu inverter a crise, efemeramente, e que deixaria esperança designadamente nesta região, apesar do movimento operário cada vez mais descontente e contestatário.

Para além do cultivo da terra, a vila de Azeitão era vista como uma localidade a melhorar para residentes e visitantes – “Como transformar Azeitão n’uma terra digna de ser visitada”, título de uma palestra realizada pelo diretor deste periódico e que é publicada em partes sequenciais. A solução passaria pela criação de uma Sociedade de Melhoramentos, alvitando o periódico alguns nomes de azeitonenses para o arranque da Sociedade: Joaquim Rasteiro, Dr. António Maria de Sousa, Dr. António Soares Franco, Raúl Leitão, D. Rodrigo de Sousa (Rio Pardo), José Faustino Vidal, Ignacio Augusto Bastos Cruz, Francisco Martins Xavier Júnior e Joaquim Militão Rocha.

Dos melhoramentos, sublinha-se desde logo a necessidade de uma linha férrea de ligação com o Barreiro, Cacilhas ou Seixal, de um hotel “capaz de receber gente civilizada”, de um clube de recreio, do arranjo da Praça da República e da construção de um coreto. A primeira das obras seria aquela que o periódico mais enfatizou. A construção de um caminho-de-ferro entre a margem do Tejo até Sesimbra, passando por Azeitão, já tinha sido prevista no âmbito da Linha do Sado, na classificação realizada, em 1902, no Plano Oficial da Rede ao Sul do Tejo. Quando termina a publicação deste periódico, estava em discussão o trajeto entre Cacilhas e Sesimbra.

Mas o periódico também extravasa a região para lamentar, em primeira página (30 de Novembro de 1919), o arranque das árvores e a transformação do empedrado do Rossio, em Lisboa, bem como a substituição de edifícios pombalinos por outros de diferente estilo artístico e até para funções lúdicas, como o jogo. A transformação do Rossio fazia-se desde 1 de Setembro desse ano, dia em que começou, com inúmeros protestos, a transformação da grande placa central, sendo poucos dias depois retirados 16 bancos e arrancadas 32 árvores.

A par das notícias e das colunas de poesia, surgem um folhetim sobre as mulheres notáveis de Portugal, por M[anuel Augusto] Cardoso Marta, dois outros sobre “Notas de um repórter” e “Don Juan Tenorio”, por João Rosa, e um romance humorístico, por A. Victor Machado, intitulado “Uma aventura”.

Há notícias de atualidade, a que se associam anúncios de casas locais, quase sempre nas últimas páginas, designadamente, no primeiro número, já se fala dos “deliciosos bolos de Azeitão”, de Manuel Rodrigues (“o Cego”); das cavacas de Azeitão, de António Valido (ex-Barraca de Pau); do farmacêutico Crespo; das cocheiras de Azeitão, de José Ferreira Duarte (“o Moita”); do produtor e comerciante de vinhos José Maria da Fonseca e dos armazéns de géneros alimentícios de Gama & Correia e de Inácio Cruz, firmas locais.

As últimas linhas deste periódico incidem numa espécie de alerta para o futuro: “Preparemos o Portugal maior dos nossos filhos”, refere-se em editorial desse número derradeiro.

FONTES BIBLIOGRÁFICAS

BETTENCOURT, Gastão Faria de (dir.) (1919-1920) – *O Azeitonense: órgão independente defensor dos interesses de Azeitão e arredores*, 3 de Agosto de 1919 a 25 de Julho de 1920. Vila Nogueira de Azeitão: Empresa Azeitonense.

Por Jorge Mangorrinha
Lisboa, Hemeroteca Municipal, 1 de Abril de 2016